

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

31



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2022



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

31

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues



Centro de História da Universidade de Lisboa

2022



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief

Nuno Simões Rodrigues

Editores Adjuntos | Co-editors

Agnês García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa).

Assistentes de Edição | Editorial Assistants

Bruno Marques dos Santos, Catarina Madeira, Maria de Fátima Rosa, Matilde Frias Costa

Revisão Editorial | Copy-Editing

Bruno Marques dos Santos, Catarina Madeira, Matilde Frias Costa

Investigadores CH-ULisboa | Researchers CH-ULisbon

Joana Pinto Salvador Costa, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Redacção | Redactional Committee

Abraham I. Fernández Pichel (Universidade de Lisboa), Agnês García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa de Sousa (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), Maria Ana Valdez (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra) Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa), Saana Svård (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Roehampton), Suzana Schwartz (Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa)

Comissão Científica | Editorial and Scientific Board

Antonio Loprieno (Jacobs University Bremen), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa, (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico).

Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue

Abraham I. Fernández Pichel (Universidade de Lisboa), Delfim Ferreira Leão (Universidade de Coimbra), Diego Paiaro (Universidad de Buenos Aires), Inês Torres (CHAM - Centro de Humanidades), Irene Borges Duarte (Universidade de Évora), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), Juan Luis Montero Fenollós (Universidade da Coruña), Katia Maria Paim Pozzer (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Leonor Santa Bárbara (Universidade Nova de Lisboa), Sobhi Ashour (Helwan University), Thais Rocha da Silva (University of Oxford).

Editora | Publisher

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2022

Concepção Gráfica | Graphic Design

Bruno Fernandes

Periodicidade: Anual

ISSN: 0871-9527

eISSN: 2183-7937

Depósito Legal: 54539/92

Tiragem: 150 exemplares

P.V.P.: €15,00

Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon

Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL

Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63

cadmo.journal@letras.ulisboa.pt | <https://cadmo.letras.ulisboa.pt>



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



This work is funded by national funds through FCT - Foundation for Science and Technology under project UIDB/04311/2020 e UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

SUMÁRIO

TABLE OF CONTENTS

09 AUTORES CONVIDADOS

GUEST ESSAYS

- 11 SAMOTRACIA Y LA FÓRMULA/INSCRIPCIÓN DE ARJANES
SAMOTHRACE AND THE ARCHANES FORMULA/INSCRIPTION
Marta López Aleixandre

- 31 HELENA:
Uma mulher Troiana na Azulejaria Portuguesa
HELEN:
A Trojan woman on Portuguese Tiles
Rosário Salema de Carvalho

57 ESTUDOS

ARTICLES

- 59 A LOGÍSTICA MILITAR EGÍPCIA NO CAMINHO PARA A BATALHA DE KADECH:
Uma análise iconográfica dos processos logísticos durante o reinado
de Ramsés II (c. 1290-1224 a. C.)
EGYPTIAN MILITARY LOGISTICS ON THE ROAD TO THE BATTLE OF KADESH:
An iconographic analysis of logistical processes during the reign
of Ramesses II (c. 1290-1224 BC)
Eduardo Ferreira
- 83 OPOSIÇÃO OU COMPLEMENTARIDADE?
A relação mágico-medicinal entre o *āšipū* e o *asū* (século VII a.C.)
OPPOSITION OR COMPLEMENTARITY?
*The magical-medical relationship between the *āšipū* and the *asū**
(7th century BCE)
Ana Satiro & Isabel Gomes de Almeida
- 103 AN UNPUBLISHED FUNERARY MASK IN THE EGYPTIAN MUSEUM (TR 18.8.19.4)
Abdelrahman Ali ABDELRAHMAN & Ahmed Derbala

- 119 UNIDADE NA GRÉCIA ANTIGA E ANACRONISMO NA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA:
Breve comentário à *techne* dos séculos V e IV a.C.
*UNITY IN ANCIENT GREECE AND ANACHRONISM IN AESTHETIC EXPERIENCE:
A brief discussion over the subject of techne in the fifth and fourth centuries BC.*
Sílvia Catarina Pereira Diogo
- 141 O ESTRATEGO NA OBRA DE TUCÍDIDES:
Um estudo introdutório (431 a.C. - 404 a.C.)
*THE STRATEGOS IN THE WORKS OF THUCYDIDES:
An introductory essay (431 B.C. - 404 B.C.)*
Tiago Maria Líbano Monteiro Rocha e Melo
- 161 AS RELAÇÕES DE HOWARD CARTER COM O GOVERNO EGÍPCIO
(1924-1925):
Entre manifestações de imperialismo, espírito nacionalista e interesse
científico-arqueológico
*HOWARD CARTER'S RELATIONS WITH THE EGYPTIAN GOVERNMENT (1924-1925):
Between manifestations of imperialism, nationalist spirit and
scientific-archaeological interest*
José das Candeias Sales & Susana Mota

197 RECENSÕES

REVIEWS

245 IN MEMORIAM

261 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO

JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES



**ESTUDOS
ARTICLES**

AS RELAÇÕES DE HOWARD CARTER COM O GOVERNO EGÍPCIO (1924-1925):

Entre manifestações de imperialismo,
espírito nacionalista e interesse científico-arqueológico

HOWARD CARTER'S RELATIONS WITH THE EGYPTIAN GOVERNMENT (1924-1925):

*Between manifestations of imperialism,
nationalist spirit and scientific-archaeological interest*

José das Candeias Sales

Universidade Aberta; CHUL; CEG

Jose.Sales@uab.pt |  <https://orcid.org/0000-0003-1087-1478>

Susana Mota

Independent researcher

susana-mota@hotmail.com |  <https://orcid.org/0000-0002-4819-6239>

proposta: 16/11/2021 | aceitação: 04/06/2022
submission acceptance

Resumo: A descoberta do túmulo do faraó Tutankhamon despertou a curiosidade e o interesse da imprensa mundial e Portugal não foi exceção. O nosso Projecto de Investigação na área da recepção do antigo Egípcio, *Tutankhamon em Portugal. Relatos na imprensa portuguesa (1922-1939)*, tem como enfoque a recolha e análise das notícias publicadas nos periódicos portugueses continentais sobre esta descoberta arqueológica, tendo recolhido 234 notícias oriundas de 28 diferentes jornais e revistas. A classificação temática destas notícias revelou-nos, sem surpresa, que o tema com maior número de ocorrências está relacionado com a “Abertura/ Encerramento do túmulo”. Menos previsível é o tema que se posiciona em segundo lugar: “Problemas entre Howard Carter e o governo egípcio”. A quantidade de notícias dedicadas às dificuldades ocorridas entre o arqueólogo inglês e as autoridades egípcias, após a morte de Lord Carnarvon, quanto à prossecução dos trabalhos de escavação, levaram-nos a tentar perceber de que forma este conflito foi relatado pela imprensa portuguesa e quais as ideias principais que foram partilhadas com os leitores. No contexto de uma impressionante descoberta arqueológica, animados pela ameaça de uma suposta maldição milenar, os jornais não deixaram, ainda assim, de dedicar muita da sua atenção a uma disputa de natureza política que punha frente a frente o imperialismo inglês e o nacionalismo egípcio e que acabou por ter significativo impacto no que seriam as futuras escavações arqueológicas no Egípcio.

Palavras-chave: Tutankhamon; Howard Carter; imprensa; imperialismo; nacionalismo.

Abstract: The discovery of pharaoh Tutankhamun's tomb sparked the curiosity and interest of the world press, and Portugal was no exception. Our research project in the area of reception of ancient Egypt, *Tutankhamun in Portugal. Reports in the Portuguese Press (1922-1939)*, focuses on gathering and analyzing news pieces published in mainland Portuguese periodicals about this archaeological discovery. This project having collected 234 news articles from 28 different Portuguese newspapers and magazines, which were then organized by major themes defined by us. Unsurprisingly, the theme with the highest number of occurrences is related to the "Opening/closing of the tomb". Less predictable is the theme ranked in second place: "Issues between Howard Carter and the Egyptian government". The amount of news articles devoted to the issues between Carter and the Egyptian authorities after Lord Carnarvon's death, all of which were concerned with the continuation of the excavation work, drove us to examine how this conflict was reported by the Portuguese press and the main ideas shared with the readers. Amid an impressive archaeological discovery and thrilled by the threat of a supposed millenary curse, Portuguese newspapers, nevertheless, devoted much attention to a political dispute that brought English imperialism face-to-face with Egyptian nationalism, and which ultimately had a significant impact on how future archaeological excavations would be conducted in Egypt.

Key-words: Tutankhamun; Howard Carter; press; imperialism; nationalism.

Introdução

O Projecto de Investigação *Tutankhamon em Portugal. Relatos na imprensa portuguesa (1922-1939)*, por nós iniciado em 2016, com balizas cronológicas nos anos de 1922 (ano da descoberta arqueológica) e de 1939 (ano da morte de Howard Carter – 2 de Março, aos 65 anos de idade – e da descoberta pelo arqueólogo francês Pierre Montet de outros túmulos reais egípcios intactos, no Norte do Egípto, em Tânis, no Delta Oriental),¹ teve por objectivo identificar, reunir e analisar as notícias e reportagens publicadas em Portugal continental pelos jornais e revistas portuguesas sobre a descoberta, em 1922, e escavação, nos anos seguintes, do túmulo do faraó Tutankhamon (1336-1327 a.C.), no Vale dos Reis, em Luxor

1 Além de assinalar o ano da morte de Howard Carter, 1939 é também um ano importante no âmbito da arqueologia egípcia, na medida em que, a partir de 27 de fevereiro, o egiptólogo francês Pierre Montet descobre, na necrópole real de Tânis, os túmulos inviolados de Psusenes I (XXI dinastia), de Chechonk II e de Osorkon II (XXII dinastia) (Reeves 1990, 189-93). "O dia maravilhoso digno de *As Mil e Uma Noites*" de 1939, como o arqueólogo francês o classificou, rivaliza, assim, com "a maravilhosa descoberta do Vale" de Howard Carter, em 1922, e torna-se um marco justificativo para a definição cronológica da nossa investigação. Como se escreveu nos números do *Diário da Manhã* e do *Jornal de Notícias* de 21 de Março de 1939, relacionando as descobertas de Tânis com a do Vale dos Reis: "Supõe-se que se trata do trabalho mais importante depois do descobrimento do túmulo de Tu-Ank-Amon, em 1922." A invasão da Checoslováquia pela Alemanha (15 de Março de 1939) e a entrada das tropas nazis em França (a partir de 10 de Maio de 1940) relegariam, todavia, a descoberta arqueológica de Tânis para segundo plano na cobertura mediática internacional, nunca atingindo o destaque global que a do Vale dos Reis conheceu (Riggs, 2021a, 126, 127).

Ocidental, por Howard Carter (1874-1939) e pelo seu financiador George Edward Stanhope Molyneux Herbert (1866-1923), o 5º conde de Carnarvon, vulgarmente conhecido como Lord Carnarvon.

Neste período, 28 títulos portugueses² publicaram notícias de diferentes tipos sobre essa descoberta arqueológica e sobre outros diversos eventos a ela associados, desde curtas notícias de agência até reportagens desenvolvidas e ilustradas e textos de autor, assinados.³ No total, foram identificadas 234 notícias, sendo que destas 221 (94%) foram publicadas entre 1922 e 1925, mais concretamente, 1 em 1922, 117 em 1923, 94 em 1924 e 9 em 1925.

Esta esmagadora preponderância é plenamente justificada pelo facto de estes anos serem aqueles com maior número de factos ocorridos em torno da descoberta: em 1923, por exemplo, tiveram lugar, entre outros, a abertura oficial do túmulo e a morte de Lord Carnarvon; em 1924 e 1925 continuam as operações no túmulo e destacam-se os problemas ocorridos entre Howard Carter e o governo egípcio sobre os moldes da continuação e/ou do funcionamento desses trabalhos de escavação.

Além de serem de diferentes tipos, as 234 notícias cobrem também um vasto conjunto de assuntos, que organizámos por temas, subtemas e, quando necessário, tópicos.⁴ Assim, o *corpus* foi classificado em 12 temas e 33 sub-temas que permitem perceber mais facilmente quais foram os assuntos a que os jornais e revistas portuguesas deram maior atenção e cobertura (Tabela 1):

2 Vinte e quatro jornais (*A Capital, A Época, A Imprensa Nova (Série I), A Pátria, A Tarde, A Tribuna, A Vanguarda, Correio da manhã, Diário da manhã, Diário de Lisboa, Diário de Notícias, Jornal de Notícias, Novidades, O Comércio do Porto, O Comércio do Porto - Ed. da Tarde, O Dia, O Mundo, O Primeiro de Janeiro, O Radical, O Rebate, O Século, O Século - Ed. da noite, República - Série I e República - Série II*) e quatro revistas (*ABC: Revista Portuguesa, Dyónisos, Ilustração Portuguesa* e *O Domingo Ilustrado*).

3 Sales et Mota 2020.

4 Os temas foram atribuídos tendo em conta o assunto central, explícito, da notícia; os subtemas quando se tornou importante especificar com maior detalhe questões abordadas no âmbito do tema principal; quando foi necessário clarificar ainda mais o foco da notícia foram criados para o efeito um ou mais tópicos, especificando ainda com maior finura os subtemas estabelecidos (Sales et Mota 2018).

Tabela 1

Temas das notícias publicadas - organizado por número de notícias.

Temas	Nº Notícias
Abertura / Encerramento do túmulo	54
Problemas entre Howard Carter e o governo egípcio	49
Morte/Trasladação de Lord Carnarvon	43
Outras questões associadas ⁵	27
Trabalhos no túmulo	24
Maldição	9
Doença de Howard Carter	7
“Pequenos ensaios” ⁶	6
Doença de Lord Carnarvon	5
Descoberta do túmulo	4
Exposição de reprodução do túmulo (Wembley)	3
Morte de Howard Carter	3

A organização e a estruturação das notícias permitiram perceber que o segundo tema mais presente na imprensa portuguesa são os “Problemas entre Howard Carter e o governo egípcio”, com 48 notícias publicadas em 1924 e uma publicada em 1925, em 16 das 28 publicações. Este tema compreende seis subtemas: Suspensão dos trabalhos/Cancelamento de licença de Carter – 23; Suspensão de entradas e trabalhos no túmulo/Processo contra Howard Carter – 11; Novo acordo/Continuação das escavações com Carter – 7; Questão nos tribunais – 5; Duelo – 2; Negociações falhadas – 1. Através das notícias em questão, os leitores portugueses puderam acompanhar, com algum detalhe, os problemas e as tensões entre Howard Carter e o governo egípcio. O arqueólogo inglês e as instituições locais egípcias desentenderam-se sobre a prossecução da intervenção

5 Neste tema estão incluídas as notícias relacionadas com outras descobertas no antigo Egipto publicadas no contexto do interesse despertado pela descoberta do túmulo de Tutankhamon.

6 Designámos por “Pequenos ensaios” notícias que procuram encetar propostas explicativas para alguns dos aspetos nelas focados, diretamente relacionados com a descoberta arqueológica em curso no Vale dos Reis.

depois da morte de Lord Carnarvon e Carter chegou mesmo a ser substituído pelo egiptólogo francês Pierre Lacau (1873-1963), em contraste com o inglês, razoavelmente alinhado com as pretensões das autoridades egípcias.⁷ No entanto, mesmo sem as relações entre ambos terem atingido o nível da cordialidade, o problema foi ultrapassado e acabou por ser Carter, o descobridor, a conduzir os trabalhos até ao fim.⁸

Tutankhamon viveu num período “dourado” da história egípcia (Império Novo, XVIII Dinastia), frequentemente chamado justamente de “Golden Age”, em que o mundo mudou rapidamente, levando o Egipto a atingir uma posição central, de considerável supremacia, na nova conjuntura geo-política-cultural.⁹ A concessão de exploração, a descoberta e a investigação do seu túmulo, no início do século XX, decorreu também na designada “Idade de Ouro” da arqueologia (os anos 20 e 30 do século XX),¹⁰ numa altura em que o Egipto, pela declaração unilateral de independência do governo britânico (28 de Fevereiro de 1922), deixou de ser, após quarenta anos (1882-1922), um protectorado inglês, embora os ingleses conservassem o controlo de determinados sectores estratégicos. Pouco tempo depois, foi proclamado o Reino do Egipto (1922-1953), de carácter constitucional-parlamentarista, com o sultão Ahmed Fuad a tornar-se Fuad I, o primeiro rei do novo Estado (1922-1936).¹¹ Nem Lord Carnarvon, nem Howard Carter, nem o menino-jovem faraó do século XIV a.C. poderiam imaginar este singular contexto histórico do final do século XIX/início do século XX, nem o entusiasmo, o interesse, a influência e o protagonismo (instrumentalização política) que a descoberta do túmulo viria a desempenhar, com um acentuado antagonismo entre as autoridades egípcias e os escavadores ingleses.

7 Reid 2015b, 164; Riggs 2017, 7.

8 James 2000, 314-5, 319-20; Hankey 2001, 285-6; Riggs 2021a, 102-3, 264-6; Reid 2015a, 66, 68. O desentendimento Carter-Lacau vinha já, verdadeiramente, desde o tempo de Lord Carnarvon, que foi quem vendou os direitos exclusivos de comunicação e reprodução de imagens relativas ao túmulo de Tutankhamon ao jornal londrino *The Times*. Foi este acordo de exclusividade, bastante vantajoso para os escavadores a nível financeiro, que foi visto como uma verdadeira afronta às autoridades egípcias, pois os próprios Egípcios só tinham acesso a informação sobre uma das descobertas mais marcantes do seu património cultural através de um jornal inglês (Riggs 2021a, 83-84, 98-101).

9 Desroches-Noblecourt 1971, 103; Reeves 1990, 16-17; Hawass 2006, 23-32; Wilkinson 2010, 260-78.

10 Stevenson 2019, 147, 175.

11 Colla 2007, 200; James 2000, 318.

São justamente os conflitos entre Howard Carter e o governo egípcio associados à escavação do túmulo de Tutankhamon, talvez menos conhecidos quando se alude à recuperação do espólio desse túmulo, embora valorizados pela imprensa internacional da época, que nos propomos escarpelizar neste texto, destacando os elementos mais explorados sobre eles pela e na imprensa portuguesa. Importa, todavia, começar por esclarecer que tudo aponta para que o interesse demonstrado por este tema pelos periódicos continentais resulte, sobretudo e principalmente, do simples acompanhamento do que ocorria no Egito em torno da exploração do túmulo de Tutankhamon. O número de notícias provenientes de agências telegráficas (40 em 49; cerca de 82% do total) sugere que, mais do que procurarem produzir opinião própria sobre os acontecimentos internacionais no Egito ou aduzirem argumentos sobre os mesmos, os jornais portugueses seguiram a linha editorial dos seus congéneres internacionais, copiando ou reproduzindo em português o que ali se publicava.¹² Dessa forma, as potenciais simpatias/antipatias motivadas por aspectos ou posicionamentos políticos, tão típicas da imprensa portuguesa da época em relação à realidade nacional,¹³ são, neste caso, um fenómeno diferido, indirecto, intermediado por posições/opiniões que outros escreveram no estrangeiro e que a imprensa portuguesa repetia e difundia, provavelmente, ainda assim, de forma intencional, interessada e alinhada, mas sem qualquer originalidade ou autonomia.

12 As agências telegráficas ou agências de notícias eram entidades que recolhiam informação e depois a disseminavam pelos meios de comunicação que com elas trabalham. A primeira agência telegráfica a surgir foi a Havas, criada por Charles-Louis Havas, em 1835, com sede em Paris, a primeira também a trabalhar com jornais portugueses, mais concretamente com o *Diário de Notícias*, que publicou a primeira notícia de agência em Portugal a 10 de Março de 1866. No período em análise neste texto, os jornais portugueses trabalhavam com a Havas e ainda com duas agências portuguesas: a Agência Radio e a Lusitânia (Sales et Mota 2018; 2021). As notícias de agência – tanto emanadas de agências nacionais como internacionais – eram, regra geral, textos curtos (enviados por telégrafo), sem autor identificado, que, em poucas linhas, resumiam o evento em causa, tendo, por isso, uma natureza mais concreta e imparcial, partilhadas pelas agências com todos as publicações com que trabalhavam.

13 Sardica 2014, 346.

Análise de Dados

Antes de avançarmos para a análise de conteúdo das notícias publicadas sobre este tema, comecemos por uma breve caracterização das mesmas. Estão em causa 49 notícias, 48 publicadas em 1924 (51% do total publicado neste ano), mais concretamente entre 14 de Fevereiro e 14 de Março de 1924, e uma notícia publicada em 1925 (11% do total publicado neste ano), mais exactamente a 26 de Janeiro de 1925 (Tabela 2).

Estes 49 textos foram publicados em 16 dos 28 periódicos nos quais foram identificadas notícias sobre a descoberta e a escavação do túmulo do faraó Tutankhamon. A tabela 3 permite perceber claramente a importância que os periódicos nacionais continentais deram a esta questão. Dos 16 jornais mencionados, 12 têm um número de notícias dedicado às disputas que tinham lugar no Egipto igual ou superior a 50% dos textos dedicados ao túmulo do faraó Tutankhamon em 1924 e 1925.

Tabela 2

Distribuição das notícias do tema “Problemas Carter/ governo egípcio” por jornais.

Jornal	Data e página de publicação	Título da notícia
Novidades	15.02.1924, p. 4	<i>Foram suspensas as pesquisas no tumulo de Tut-Ank-Amen</i>
	17.02.1924, p. 4	<i>O tumulo de Tut-Ank-Amon - Lamentações...</i>
	17.02.1924, p. 4	<i>O tumulo de Tut-Ank-Amon - Não é permitida a entrada nele</i>
	20.02.1924, p. 4	<i>Não mais escavações no tumulo de faraó</i>
	24.02.1924, p. 6	<i>O tumulo de faraó</i>
A Imprensa Nova (Série I)	15.02.1924, p. 1	<i>O tumulo de faraó - Suspende-se a sua exploração</i>
	17.02.1924, p. 3	<i>O tumulo de faraó</i>
	20.02.1924, p. 2	<i>O segredo dos faraós - O governo egípcio não consente em novas escavações</i>
	27.02.1924, p. 3	<i>O tumulo do faraó - Uma grande complicação</i>
	02.03.1924, p. 3	<i>O tumulo do faraó - A questão nos tribunais</i>
O Mundo	16.02.1924, p. 2	<i>Na terra dos faraós - As investigações no tumulo de Tut-Ank-Amon</i>
	20.02.1924, p. 3	<i>Na terra dos faraós - O governo egípcio proíbe a continuação das escavações no tumulo de Tut-Ank-Amon</i>
	25.02.1924, p. 2	<i>Na terra dos faraós - O conflito por causa do tumulo de Tut-Ank-Amon complica-se</i>
	26.02.1924, p. 3	<i>O tumulo de Tut-Ank-Amon</i>
	27.02.1924, p. 4	<i>Egito - Processo contra os pesquisadores dos tumulos dos Faraós</i>
O Comércio do Porto	23.02.1924, p. 4	[Sem Título]
	28.02.1924, p. 6	<i>O tumulo de Tut-Ank-Amon foi interdito aos visitantes</i>
	29.02.1924, p. 4	<i>Por causa de Tut-Ank-Amon</i>
	04.03.1924, p. 4	<i>Os exploradores do tumulo do pharaó Tut-Ank-Amon</i>
	14.03.1924, p. 4	<i>Não prosseguirão as pesquisas no tumulo do faraó</i>
O Comércio do Porto Ed. Tarde	14.02.1924, p. 1	<i>O somno de Tutankamen</i>
	19.02.1924, p. 2	<i>Os Misterios do Egipto - Tut-Ank-Amen e a sua vingança Quem matou lord Carnarvon e os indigenas empregados nas escavações do túmulo faraônico?</i>
	22.02.1924, p. 3	<i>O governo egípcio proibiu as pesquisas ao tumulo de Tutankhamon</i>
	27.02.1924, p. 3	<i>O tumulo de Tut-ank-amon foi interdito aos visitantes</i>
	03.03.1924, p. 3	<i>Os exploradores do tumulo do pharaó Tu—Tauk-Amon</i>
O Primeiro de Janeiro	15.02.1924, p. 3	<i>São suspensos os trabalhos no tumulo</i>
	17.02.1924, p. 3	<i>Os egípcios não querem que se profane o tumulo de pharaó</i>
	23.02.1924, p. 3	<i>O egipto não quer que se profane mais o tumulo de pharaó</i>
	27.02.1924, p. 3	<i>A Vingança do Pharaó - Foi instaurado um processo contra o arqueologo Carter</i>
A Capital	19.02.1924, p. 3	<i>O fim dum monopólio - O Tumulo de Tout-Ankhamon havia-se tornado num feudo de Carter e dos seus amigos mas Zaghloul Pachá por termo ás manobras dos exploradores do sarcófago</i>
	22.02.1924, p. 2	<i>O tumulo de Toutankhamon. O gabinete egípcio entende que Carter deve continuar os trabalhos sob a sua direcção</i>
	26.02.1924, p. 2	<i>O tumulo de Tut-Ank-Amon interdito aos visitantes</i>

Jornal	Data e página de publicação	Título da notícia
<i>A Vanguarda</i>	23.02.1924, p. 5	<i>No Egypto - O Tumulo de Tontankhamon - A resolução do gabinete egípcio</i>
	25.02.1924, p. 5	<i>Ecos e Comentários - No Egípto</i>
	01.03.1924, p. 5	<i>Ecos e Comentários - Duelo singular</i>
<i>O Século</i>	20.02.1924, p. 1	<i>O tumulo do faraó</i>
	24.02.1924, p. 6	<i>O Tumulo de Tut-Ank-Amon - Vae ser reaberto e vão recomençar os trabalhos</i>
	26.01.1925, p. 5	<i>No Tumulo de Tut-Ank-Amen - Prosseguem as pesquisas arqueológicas</i>
<i>A Tribuna</i>	26.02.1924, p. 1	<i>O Tumulo de Tutankamon As razões porque fechou – não foi o governo do Egípto que o mandou encerrar</i>
	27.02.1924, p. 1	[Sem Título]
<i>A Tarde</i>	14.02.1924, p. 1	<i>O tumulo do faraó - O governo egípcio ordena o seu encerramento</i>
	25.02.1924, p. 1	<i>O tumulo de faraó - Foi novamente aberto</i>
<i>O Rebate</i>	22.02.1924, p. 1	<i>Tut-Ank</i>
	22.02.1924, p. 2	<i>O tumulo de Tutankhamon - Foram proibidas as escavações</i>
<i>República (Série I)</i>	20.02.1924, p. 1	<i>O Tumulo de Tutankamon</i>
	22.02.1924, p. 2	<i>O Tumulo de Tutankamon</i>
<i>A Época</i>	26.02.1924, p. 4	<i>O tumulo de Tut-Ank-Amon</i>
<i>Correio da Manhã</i>	15.02.1924, p. 1	<i>Tut-Ank-Amon - Poderá repousar tranquilo</i>
<i>Diário de Lisboa</i>	21.02.1924, p. 7	<i>O Tumulo de Tut-Ank-Amon - Foram proibidas as pesquisas</i>

Tabela 3

Os 16 jornais com notícias sobre o tema “Problemas entre Howard Carter e o governo egípcio” (por ordem alfabética). Comparação entre total de notícias publicadas em 1924 e 1925 e as notícias sobre esse tema.

Jornal	N.º de notícias / Ano de publicação				
	1924	1925	TOTAL	Tema	% Tema
<i>A Capital</i>	8	1	9	3	33
<i>A Época</i>	4	0	4	1	25
<i>A Imprensa Nova (Série I)</i>	7	0	7	5	71
<i>A Tarde</i>	4	0	4	2	50
<i>A Tribuna</i>	3	0	3	2	67
<i>A Vanguarda</i>	5	0	5	3	60
<i>Correio da manhã</i>	2	0	2	1	50
<i>Diário de Lisboa</i>	7	0	7	1	14
<i>Novidades</i>	10	0	10	5	50
<i>O Comércio do Porto</i>	7	1	8	5	63

<i>O Comércio do Porto - Edição da Tarde</i>	10	0	10	5	50
<i>O Mundo</i>	6	0	6	5	83
<i>O Rebate</i>	3	0	3	2	67
<i>O Século</i>	9	1	10	3	30
<i>O Primeiro de Janeiro</i>	5	1	6	4	67
<i>República (Série I)</i>	2	0	2	2	100
TOTAIS ANUAL	92	4	96	49	51

Em Portugal, os textos sobre os conflitos entre o arqueólogo inglês e as autoridades administrativas egípcias só aparecem nos jornais e nunca nas revistas. Enquanto estas se preocupam principalmente com a compreensão aprofundada das características políticas, económicas, culturais e religiosas da época em que viveu o faraó Tutankhamon e com a informação detalhada e ilustrada sobre os artefactos que a escavação das várias dependências do túmulo ia revelando, os jornais, mais dependentes da utilização regular, diária, de notícias divulgadas pelas agências telegráficas, equacionavam também as problemáticas e as dinâmicas logísticas, administrativas, institucionais, patrimoniais, culturais e legislativas associadas à própria escavação, à legitimidade da apreensão e posse dos objectos encontrados e aos direitos dos intervenientes (Carter e a sua equipa, de um lado, e as autoridades arqueológicas do Serviço de Antiguidades Egípcias, de outro), surgindo, portanto, entre elas, relativamente enfatizadas, as querelas entre Carter e os líderes nacionalistas egípcios.¹⁴

Importa ainda referir que, após comparação e análise, se percebeu que um grande número destes textos foi publicado em mais do que um dos jornais (facto que decorre de se tratar, como mencionámos, de notícias emanadas das agências telegráficas), ou seja, estamos perante notícias repetidas. Feita a devida depuração, restam 25 notícias diferentes sobre os diferendos entre Carter e o governo egípcio.

14 Algumas das notícias dos jornais vêm mesmo publicadas nas páginas de “Últimas Notícias – Serviços Telegráficos” ou “Últimas Notícias – Havas – Radio”, reforçando a maior dependência dos jornais da informação agenciada (ex. *O Primeiro de Janeiro* e *Novidades*).

Análise de conteúdo

Desde 13 de Fevereiro de 1924 que a imprensa internacional — e também a portuguesa — anunciava que a abertura oficial do sarcófago de Tutankhamon, que ocorrera no dia anterior, sem pompa nem circunstância, só tinha tido a assistência das autoridades egípcias.¹⁵ O acesso ao corpo mumificado do rei constituía um momento importante no âmbito da descoberta arqueológica, que, nessa altura, levava já um pouco mais de um ano. Compreensivelmente, a expectativa da prossecução dos trabalhos até ao *tête-à-tête* com o faraó mumificado era enorme junto dos ávidos leitores. Não obstante, logo no dia seguinte (14 de Fevereiro), começaram a circular telegramas, provenientes de Luxor e difundidos a partir de Londres, em que se noticiava que o túmulo fora encerrado por “ordem do governo egípcio”:

LONDRES, 14. – Telegrafam de Luxor que sir Howard Carter encerrou o tumulo do faraó, por ordem do governo Egipcio, e suspendeu as investigações, em consecuencia do forte resentimento levantado em todo o Egipto. – (Luzitania).¹⁶

A surpreendente e repentina suspensão das investigações depois da abertura do sarcófago, além de intrigante nas suas motivações e finalidades, embora claramente resultante das “dificuldades entre o arqueologo Carter e o ministério egípcio”, necessitava de uma cabal e mais completa explicação que elucidasse o grande público português das razões subjacentes a essa inesperada “ordem” de suspensão “por tempo indeterminado”.¹⁷ É neste sentido que entendemos a notícia publicada em *O Comércio do Porto – Edição da Tarde*, de 14 de Fevereiro de 1924, p. 1, que, pela sua crucial importância, aqui reproduzimos:

O Somno de Tutankamen

De tempos a esta parte o governo egypcio tem desenvolvido franca actividade legislativa, com o fim de servir para o paiz as reliquias pharaonicas e as maravilhosas joias do velho Egipto – atração e tentação dos sabios do mundo inteiro.

15 *Diário de Lisboa* (13.02.1924, p. 7); *Novidades* (14.02.1924, p. 4); *O Comércio do Porto-Ed. Tarde* (14.02.1924, p. 3); *O Rebate* (14.02.1924, p. 2); *A Tarde* (14.02.1924, p. 1) e *O Primeiro de Janeiro* (15.02.1924, p. 3). O sarcófago externo foi aberto a 12 de Fevereiro de 1924, na 2ª temporada de escavação, mas só na 3ª temporada, em 10 de Outubro de 1925, a equipa ergueu a tampa do sarcófago interno de Tutankhamon, revelando a sua múmia e a sua célebre máscara de ouro (Hawass 2006, 118; Reeves 1990, 106-10).

16 *A Tarde* (14.02.1924, p.1); *A Imprensa Nova (Série I)* (15.02.1924, p.1).

17 *Novidades* (15.02.1924, p.4); *O Primeiro de Janeiro* (15.02.1924, p.3); *Correio da Manhã* (15.02.1924, p.1).

Não se poderá desconhecer n'essa orientação nacionalista do governo do Cairo em louvavel carinho patriotico pelos restos da antiguidade veneravel da terra de Ra, sagrados destroços de tempos remotissimos que o Sahara amortalhou com areias de tres mil annos, mas demonstram sempre as virtudes historicas, a inteligencia prodigiosa, o sentimento esthetico e a philosophia severa e profunda do povo do paiz do Nilo.

Presas da curiosidade e das excavações europeas, d'esde que aos pés das pyramides o islam e o occidente se travaram em batalha mortifera sob o olhar genial de Bonaparte, — os thesouros do Egypto de Ammon e de Isis foram, até hoje, vertidos copiosamente, sem interrupção, no patrimonio dos museus estrangeiros, na riqueza particular de sabios e miliardarios, até para o fausto publico, como o obelisco da praça de S. Pedro, de Roma.

Agora, de novo, provocado por um telegramma do rei da Inglaterra, repetem as autoridades egypcias o seu protesto e a sua defeza da fortuna historica do paiz.

Trata-se d'esse grande reinado da Egyptologia do seculo XX - Tutankamen, o espléndido, o soberbo pharaó que dormia há 2500 anos... no mausoléu de Luksor, serenamente, enquanto [...] resplandeciam e [...]scenário social.

Afirma o rei Jorge, para a comissão de exploradores chefiada por Howard Carter, que é a sua vontade permaneça o pharaó no tumulo em que foi encontrado. Ora, veem n'isso os naturaes uma restrição ao arbitrio conferido pelas leis á administração local. E ameaça o incidente assumir proporções maiores, se a intransigencia de parte a parte difficultar um accordo honroso e que só aproveitará ao desenvolvimento das pesquisas, para novas descobertas sensacionais e reveladoras da civilização morta.

Aliás, é um capitulo momentoso da legislação egypciana que o interesse da sciencia força a um desenho nitido e sincero do programma administrativo do governo do Cairo, para por elle se pãintar o “turismo” scientifico e as obras estrangeiras de rebuscamento nas areias.

Conflictos sérios já tem suscitado o egoismo nacionalista, e poderão, infelizmente, agravar-se para o futuro de geito ao lento fechamento do Egypto á bisbilhotice fecunda dos Masneros e Mariettes actuaes.

O texto desta notícia do vespertino portuense contém interessantíssimas anotações sobre as eventuais justificações para o deflagrar do conflito entre o governo egípcio e o chefe da comissão de exploradores Howard Carter, equiparado na sua acção arqueológica “à bisbilhotice fecunda dos Masneros e Mariettes”,¹⁸ e regista um tom informativo que pode ser entendido como uma posição pró-egípcia (ao Egypto o que é do Egypto), assim transmitida aos leitores, mesmo que essa dimensão de crítica política pudesse não ser o principal móbil do periódico português.

18 Apesar da incorrecção gráfica, é seguramente uma alusão a Gaston Maspero (1846-1916) e Auguste Mariette (1821-1881), egiptólogos franceses que, de meados do século XIX ao início do século XX, estiveram ligados a numerosas descobertas e escavações arqueológicas e operações de limpeza, restauro e recuperação de monumentos do antigo Egypto (Sales 2007, 68-9, 76-7; Jeffrey 2003, 10).

A orientação nacionalista-patriótica da actividade legislativa do governo egípcio é apresentada como visando conservar em território egípcio “as reliquias pharaonicas e as maravilhosas joias do velho Egypto” e, assim, preservar os “restos da antiguidade venerável da terra de Ra” da curiosidade e cobiça dos estrangeiros europeus, nesse contingente incluindo explicitamente os estudiosos e os arqueólogos. As operações de rapina dos tesouros egípcios que enchem museus europeus, qual sangria ininterrupta, empobrecedora e delapidadora do património egípcio, são agora expressamente denunciadas e rejeitadas. Esta corrente político-cultural dos anos de 1920 a que a notícia dá relevo, como ramo do movimento nacionalista egípcio, é habitualmente conhecida como “faraonismo”, eivado de um tom cultural nostálgico e utópico, quase biológico, associado aos monumentos, artefactos e ideias do tempo dos faraós, que se tornam uma poderosa fonte de inspiração para o seu revivalismo, independência e orgulho nacional.¹⁹

A perturbação do “somno de Tutankhamon” pelos exploradores é, por isso, severamente criticada pelo governo egípcio que, com as restrições impostas aos estrangeiros, protesta e age em “defeza da fortuna histórica do paiz”. A seriedade do problema em causa e do potencial agravamento que pode suscitar é transmitida aos leitores e serve como explicação para a decretada suspensão dos trabalhos no túmulo do faraó Tutankhamon. Nos dias seguintes, como os jornais noticiaram, a discórdia agudizou-se e as posições extremaram-se. Avolumaram-se em torno da grande descoberta arqueológica do Vale dos Reis, de um lado, as dimensões de defesa da dominação e da supremacia do imperialismo e da colonização cultural ocidental (que, durante meio século, tomara, sobretudo pelas mãos dos franceses, ingleses e alemães, o controlo sobre o Egipto) e, de outro, os intuitos de construção de um ideal nacional, com legítima identidade, e de herança patrimonial autónoma.²⁰

19 Wood 1998, 179-96; Reid 2003, 164; 2015a, 12-13; Stevenson 2019, 145. Nos anos trinta, a corrente de “faraonismo” (em árabe, *al-fir'awniyya*), muito conotada com o nacionalismo territorial egípcio, culminará em movimentos pan-islâmicos e pan-árabes. O fascínio ocidental pelo antigo Egipto (na sua forma popular de “Egiptomania”) estimulou o fenómeno do faraonismo entre os Egípcios.

20 Reid 2003; 2105a, 1-5, 19-29. Apesar de o Egipto nunca ter sido formalmente incorporado no Império Britânico (era apenas, *de jure* e *de facto*, um protectorado, um “veiled protectorate”, um território semi-autónomo), no centro da política colonial inglesa no Egipto estava, desde o final do século XIX, com uma ocupação simultaneamente económica, política e militar, sobretudo a partir de 17 de Setembro de 1882, a questão estratégica do “colonial economism”, isto é, da manutenção do controlo do Canal de Suez (“jugular vein of empire”), como decisiva para a comunicação, comércio e poderio através dos territórios do Império Britânico. Se o Egipto obteve a

Neste sentido, pode dizer-se que a abertura do sarcófago noticiada pela imprensa apenas com a assistência do governo egípcio fora já um primeiro sintoma da posição nacionalista das autoridades egípcias em relação à organização e desenvolvimento das investigações, sendo a suspensão por tempo indeterminado das mesmas o corolário do ressentimento e das dificuldades que então se viviam. Começava o que se pode designar por luta pela “nacionalização de Tutankhamon”, que afectou a temporada de escavação de Carter, com sucessivos períodos de interrupção, com toda a carga de faraonismo e de independência política e cultural que isso encerrava.

No âmbito da história moderna do Egipto, tomado como um todo, o período de 1922 a 1952 é ainda uma era semi-colonial ou de soberania parcial, com a unilateral proclamação e reconhecimento da independência nominal do Egipto pela Inglaterra, logo em 28 de Fevereiro de 1922, a idade da monarquia parlamentar, a meio caminho, portanto, de uma época pós-colonial ou neocolonial.²¹ Os anos de 1924 e 1925 serão decisivos e emblemáticos no desencadear e no alimentar de novos processos de consideração e tratamento da atribuição e autorização de concessões de intervenção arqueológica em território egípcio, de desenvolvimento do trabalho arqueológico e de apropriação, venda e oferta de artefactos dele resultantes.

O próprio Pierre Lacau, enquanto Director-Geral do Departamento de Antiguidades Egípcias, anunciara já, em 1918, a intenção de modificar o anterior quadro de atuação (Lei de 1912) que estabelecia a partilha dos tesouros arqueológicos a meias entre os exploradores e o Serviço de Antiguidades.²² Em meados de Outubro de 1922, Pierre Lacau, emite uma circular dirigida a todos os arqueólogos e museus estrangeiros com missões arqueológicas no Egipto em que defende que o espólio de todas as descobertas deve permanecer no Egipto e ser encaminhada para o Museu Egípcio do Cairo, para aí ser exibida.²³ Da mesma

independência nominal em 1922, a Inglaterra preservava quase intactos os seus vitais interesses imperiais, mantendo-se o colonialismo formal até praticamente 1954 (Reid 2015b, 159; Gifford 2020, 1-3, 7, 17, 57, 69-72, 78, 180; Jakes 2020, 1, 4, 5; Langer 2017, 186).

21 Reid 2015a, 9; 2015b, 159; Gifford 2020, 2, 5; Elshakry 2015, 185-6.

22 Pierre Lacau sucedeu, em 1914, a Gaston Maspero como Director-Geral do Departamento de Antiguidades Egípcias, exercendo o cargo até 1936.

23 Dawson et Uphill 1972, 160-1; Reid 2015b, 161.

forma, anunciou que, no futuro, as concessões arqueológicas só poderiam ser outorgadas a instituições e não a título individual, como sucedera com Lord Carnarvon e também como Theodore Davis no Vale dos Reis. Coerente com estes princípios, numa carta enviada a Howard Carter, datada de 10 de Janeiro de 1924, Pierre Lacau declarou implicitamente que “o túmulo e seu conteúdo eram propriedade do Egipto”.²⁴

Com estes contornos, torna-se mais fácil entender a proliferação de notícias nos dias seguintes, umas apontando para o desalento provocado pela posição do governo egípcio: “lastimável que o sr. Carter não pudesse terminar os seus trabalhos de investigação no túmulo de Tut-Ank-Amon, porque essas investigações tinham dado e dariam subsídios extraordinários para a história do Egipto”,²⁵ e outras satisfeitas com as diligências das autoridades para se abrir o túmulo aos turistas durante 10 dias e se retomarem os trabalhos: “. . . o governo egípcio está disposto a renovar o contrato das excavações com Lady Carnarvon, viúva de Lord Carnarvon, mas com certas alterações”,²⁶ embora sem se sanarem por completo as divergências directas com Carter: “o Governo Egípcio continua a perseguição a Howard Carter tendo-lhe proibido a própria entrada no túmulo do Faraó Tut-ank-Amon”.²⁷

No dia 19 de Fevereiro, *A Capital* publica um novo texto-chave para os leitores portugueses sobre a temática em estudo. Volta a ser um texto não assinado, que completa e aprofunda algumas das dimensões, designadamente a política, levantadas pelo texto antes analisado, justificando, assim, a inclusão aqui da transcrição de partes substantivas do artigo, incluindo o extenso título bastante esclarecedor da visão nela defendida:

O fim dum monopólio

O Túmulo de Tout-anckhamon

havia-se tornado num feudo de Carter e dos seus amigos

mas Zaghoul Pachá poz termo ás manobras dos exploradores do sarcófago

24 Reid 2015a, 65-66. Anote-se que foram necessários mais de 8 anos (até 1932) para retirar, inventariar e desenhar os mais de 5000 objetos conservados no túmulo do Vale dos Reis.

25 *O Mundo* (16.02.1924, p.2); *Novidades* (17.02.1924, p.4).

26 *Novidades* (24.02.1924, p.6); *O Século* (24.02.1924, p.6); *A Tarde* (25.02.1924, p.1).

27 *Novidade* (17.02.1924, p.4); *Primeiro de Janeiro* (17.02.1924, p.3); *Imprensa Nova (Série I)* (17.02.1924, p.3).

. . . Esta história do tumulto do faraó não é, no fundo, outra coisa que a de um monopólio. Carter e o “Times” queriam fazer um trust da necropole, como outros fizeram do petróleo ou dos caminhos de ferro. Graças às benevolências que a imprensa local julgava excessivas do antigo governo egípcio, Carter pôde organizar um cordão de defesa á volta do tumulo. Só ele e os seus amigos tinham o direito de dirigir os olhares sobre o temeroso lugar. . . . Mas alguém vem agora perturbar a festa. Houve no Egipto uma mudança de governo... E o novo governo, o de Zaghoul-pachá, mostrou-se pouco disposto a conservar a Carter o estranho privilegio de ser o único, com o seu jornal, a informar os dois hemisferios sobre a exumação do faraó, que acima de tudo, é um antigo soberano do Egipto. De ha muito que a imprensa e o publico reclamavam contra esta anomalia e pediam a abolição de uma concessão verdadeiramente abusiva.

Zaghoul-pachá acaba de dar satisfação ao sentimento popular. E é esta a razão do nervosismo de que acaba de dar provas o sr. Carter. O governo egípcio opoz como dificuldade ás buscas o direito de saber o que se passa em sua casa e abolir um monopólio exclusivo. Foi rogado a Carter que fosse mais gentil e que reservasse para a imprensa egípcia alguns dos comunicados ditirambicos lançados pelos seus amigos no mundo inteiro. Foi igualmente rogado a que deixasse aproximarem-se do tumulo os jornalistas mais vezes do que uma em quinze dias, o aproximarem-se para poderem ver mais algumas coisas do que gessos e demolições sem interesse algum.

Carter preferiu trancar as portas. Logo o governo egípcio tomou o tumulo sob a sua guarda e vai retirar o privilegio a Carter para transferir o encargo da continuação das buscas ao departamento das antiguidades egípcias, á frente do qual se encontram, como conselheiros tecnicos, arqueologos franceses.

Mas não se pode ainda dizer que a questão esteja liquidada. Carter é tenaz e Tout-ank-hamon não tem pressa em deixar penetrar no seu ultimo segredo.

Uma carta de Zaghoul Pachá

Dizem do Cairo ao ‘Daily Mail’ que Carter já não está autorizado a visitar o tumulo de Tout-ank-hamon ou nem o seu “laboratorio” subterraneo, e que acaba de receber esta resposta do primeiro ministro do Egipto:

‘No que diz respeito ao encerramento do tumulo, tenho o dever de lhe lembrar que o hipogeu não é sua propriedade. A sciencia, que invoca não sem razão, nada tem que ver com o incidente que o senhor provocou querendo admitir no tumulo alguns dos seus amigos. É lamentável que tanto o senhor como os seus colegas tivessem abandonado um trabalho que interessa ao universo.’

Pela primeira vez, os leitores portugueses são informados da existência do monopólio do jornal inglês *The Times* na cobertura mediática dos acontecimentos arqueológicos no Vale dos Reis e do fim desse privilégio por decisão do então recente governo egípcio chefiado por Zaghoul-pachá (1859-1927), também conhecido como Saad Zaghoul, o líder do Partido Wafd (em árabe, *Hizb al-Wafd*),

partido nacionalista do Egípcio, que foi o 17º Primeiro-Ministro do Egípcio entre 26 de Janeiro e 24 de Novembro de 1924 e a principal voz do movimento nacionalista egípcio.²⁸

Com menos de um mês à frente do governo, Zaghulul-pachá deixou claros os seus intuitos nacionalistas e liberais na relação com Carter. O arqueólogo inglês não percebeu que a sua situação se tornara muito frágil depois da morte de Lord Carnarvon, subestimou Saad Zaghulul, desconsiderou o novo governo zaghulista e acreditou que o antigo prestígio inglês no Egípcio se mantinha intacto e inalterado, continuando a tratar a descoberta como se fosse sua, sem qualquer respeito ou consideração pelo facto de o património em questão não lhe pertencer a ele ou aos ingleses, mas sim ao povo egípcio.²⁹ Os líderes do poder político egípcio procuravam, agora, recuperar um património que, durante décadas, estivera nas mãos de potências e de indivíduos ocidentais. É neste contexto colonial que devem ser entendidas as três primeiras frases do texto que, na sua essência, comportam um carácter nacionalista e populista conforme à política e à visão ideológica do partido Wafd, dominado por Zaghulul até 1927. É fundamental perceber que a liderança do partido era, em grande número, constituída por aristocratas e burgueses urbanos, cansados e desagradados com a política inglesa e claramente apostados em ganhar e unir outros sectores da sociedade egípcia na sua luta pela independência.³⁰

A mudança de governo no início de 1924 trouxe uma evidente mudança de estratégia e de tolerância em relação aos privilégios informativos de Carter e do seu jornal patrocinador. A oposição de Zaghulul-pachá aos estrangeiros (apesar de aceitar a permanência de franceses à frente do Serviço de Antiguidades Egípcias) e ao monopólio jornalístico agradava aos jornais e jornalistas egípcios e aos insistentes clamores populares egípcios, muito sensíveis ao comportamento arrogante dos arqueólogos ingleses de lhes subtraírem o usufruto do seu

28 Na eleição parlamentar de 12 de Janeiro de 1924, o Partido Wafd ganhou 179 dos 211 lugares parlamentares (85%) e Zaghulul-pachá sentiu-se perfeitamente mandatado para concluir um tratado com a Grã-Bretanha com vista à completa independência do Egípcio (Reid 2015a, 54). Num discurso de 15 de Fevereiro de 1924, Saad Zaghulul afirmaria: “Mr. Carter had behaved in a way that the government cannot accept because he agreed in writing at the time of the official visit, and then did not respect his agreement” (Hawass 2006 134, 136; Riggs 2018, 19-20). Vide Colla 2007, 2000, 1999; Gershoni et Janikowski 1986; Janikowski 1988; James 2000, 318.

29 Riggs 2021a, 100-1; Colla 2007, 205. Como Lord Carnarvon fizera, Carter assumia o privilégio imperial de conceder os direitos ao *The Times*, ignorando toda a restante imprensa internacional e egípcia (Reid 2015a, 63-64; Riggs 2020a, 19).

30 Gifford 2020, 43.

património nacional.³¹ Quando Zaghlul declarou que Howard Carter não tinha direito de fechar o túmulo como se lhe pertencesse, justificava-o em nome dos “interesses da ciência” que, segundo ele, não se reviam no comportamento de Carter.³² Para os jornais de língua árabe, a posição de Zaghlul foi muito benquista e interpretada como um manifesto da soberania conquistada pelos Egípcios sobre o seu território e património.³³

O túmulo de Tutankhamon foi, portanto, o “campo de batalha” de uma séria e convicta luta pelo poder, cuja escavação, por Carter e Carnarvon, se iniciou numa era em que o Egipto e a arqueologia eram dominados por estrangeiros, com espírito e ambição de amadores colecionadores, com o espólio a ser, ainda, dividido em partes iguais entre os financiadores das escavações e o Serviço de Antiguidades Egípcias, mas que acabou já num tempo em que a arqueologia se tornara numa responsabilidade e num assunto do Estado egípcio, fortemente sustentado em emergentes sentimentos nacionalistas.³⁴ Desde o início, arqueólogo e patrocinador assumiram o achado como seu e nem sequer convidaram Pierre Lacau, responsável pelo Serviços de Antiguidades, para a cerimónia de abertura oficial do túmulo, ignorando também por completo a imprensa local. Só o repórter inglês Arthur Merton, do londrino *The Times*, foi por eles convidado para a cerimónia.³⁵ A multivocalidade e os conceitos de poder e legitimidade desenvolvidos em redor da posse do túmulo de Tutankhamon e dos seus artefactos tornaram-no, simultaneamente, um símbolo do proto-nacionalismo autonómico egípcio e um símbolo do imperialismo cultural e da hegemonia colonial inglesa no Egipto.³⁶

Relegados à categoria de estranhos no seu próprio país, face à atitude de imperialismo ou colonialismo informal demonstrada por Carter, os Egípcios,

31 Reid 2015a, 64-67; Karakatsouli 2009, 33. Os jornais egípcios, como meios de comunicação capazes de mediar e transmitir mensagens culturais e ideológicas, foram decisivos no desenvolvimento da identidade nacional e colectiva egípcia, sendo, portanto, facilmente compreensível o progressivo domínio e influência do partido Wafd (“the tentacles of Wafd control”) sobre a imprensa (Gifford 2020, 46).

32 Colla 2007, 206.

33 Claudel 2019, 11.

34 Reeves 1990, 47; Reeves et Wilkinson 2005, 84-85.

35 Hawass 2006, 129; Riggs 2018, 19-20; Winstone 2006, 197; Reid 2015b, 160-1.

36 Reid 2015a, 157-73; Diaz-Andreu 2007, 8-9; Riggs 2020a, 18; 2021a, 3, 94. Como escreve de forma lapidária Christina Riggs: “To many Egyptians, the rebirth of the boy king was a symbol of their country’s own reawakening after centuries of British and Ottoman rule” (Riggs 2021a, 94). O despertar de Tutankhamon do seu sono coincidiu com o despertar do espírito autonómico egípcio (Stevenson 2019, 145).

ofendidos, reagiram.³⁷ Não só as leis do Serviço de Antiguidades eram claras quanto à pertença ao Governo Egípcio dos artefactos encontrados num túmulo intacto, como a sua integral permanência em solo egípcio era um assunto dado como adquirido.³⁸

A polémica à volta dos tesouros de Tutankhamon constituiu um assunto-chave para a acentuação da mentalidade e da acção de afirmação do passado glorioso da época faraónica por parte da administração egípcia. Se, até aí, ao dar conta dos seus trabalhos arqueológicos no Egipto, Lord Carnarvon respondera directamente ao Palácio de Buckingham (rei George VI), a partir de agora, as autoridades locais egípcias impunham a Carter um comportamento totalmente diferente.³⁹ Na perspectiva da tradicional dominação imperial, a descoberta e escavação do túmulo marcava o fim de uma época; segundo o olhar egípcio, era o início de uma nova época, o momento apropriado para mudar uma situação de inferioridade cultural. Dez anos antes, o busto de Nefertiti ainda saíra do Egipto para o Museu de Berlim. Os tesouros de Tutankhamon já não abandonariam solo egípcio, como propriedade do Estado egípcio.⁴⁰

Foi um momento de inflexão liminar, como nunca se tinha visto.⁴¹ A alegada violação do túmulo no reinado de Ramsés IX invocada por Carter, desde 1922-1923, para que a propriedade dos achados ficasse em seu poder, não para uso próprio, é certo, mas para ofertas aos grandes museus do mundo, especialmente o British Museum, o Musée do Louvre e o Metropolitan Museum of Art, foi rejeitada e os direitos exclusivos de reportagem do *The Times* (contratualizados no Natal de 1922

37 Diaz-Andreu 2007, 14-15, 99. Sobre a Egiptologia e o conhecimento egiptológico como produtos do colonialismo ou de uma matriz de poder de carácter colonial, vide Langer 2017.

38 Carter et Reeves 1998, XXIII; Stevenson 2019, 145; Colla 2007, 201-2, 207.

39 Reid 2015a, 51; 2015b, 159.

40 Reid 2015a, 52. As notas de escavação de Howard Carter (diário, cartões de registo, plantas, esquemas e desenhos) e as fotografias/negativos de vidro de Harry Burton, como registos dos trabalhos, em contraste, foram consideradas como propriedade privada, sendo levadas pelos seus proprietários, hoje em posse quer do Griffith Institute, em Oxford, quer do Metropolitan Museum of Art, em Nova Iorque. No que diz respeito aos materiais fotográficos arquivados nas duas instituições, que desempenharam um papel essencial no tratamento e na catalogação dos objectos encontrados no túmulo, não obstante todos os esforços feitos desde os anos 50 do século passado para os reconciliar, não são idênticos (Riggs 2016, 340-1, 356; 2019, 294-5, 299; 2020, XIV; 2021a, 112, 128-39; Bosch-Pusche et alii 2020; Colla 2007, 185-6; Allen 2007, 10-12). Com vista à exposição “The Discovery of King Tut”, inaugurada em Nova Iorque a 21 de Novembro de 2015, as icónicas fotos de Harry Burton do Griffith Institute, que ilustraram literalmente a imaginação de milhões de pessoas ao longo de quase um século, foram restauradas e coloridas por Jordan J. Lloyd e pela sua equipa na Dynamichrome, uma empresa especializada na coloração de fotos históricas a preto e branco (vide <http://www.griffith.ox.ac.uk/discoveringtut/burton5/burtoncolour.html>).

41 Diaz-Andreu 2007, 126.

e assinados a 9 de Janeiro de 1923, ainda por Lord Carnarvon, como anotámos) severamente criticados.⁴² Num raro momento de unidade nacional, os maiores jornais egípcios (*al-Abram*, *al-Balagh*, *al-Jumbur*, *al-Akbbar* e outros) rebelaram-se contra o monopólio do jornal londrino e apresentaram uma petição sobre esse assunto junto do governo local, alegando a importância do serviço noticioso para o público egípcio e condenando a exclusão dos órgãos de comunicação egípcios do direito à informação sobre o que se passava no seu próprio país.⁴³

O controlo dos direitos de notícias sobre tão importante achado gerou um enorme desconforto e desespero entre os jornalistas e foi alvo de profunda revolta por parte da imprensa local (sobretudo, os arabófonos *al-Abrām* e *al-Moqaṭṭam*, bem como os *al-Limā* e *al-Manār*, de ardentes e apaixonados editoriais seguidos por larga audiência), mas também da imprensa internacional (fora e dentro do Egípto)⁴⁴ e o novo governo de Saad Zaghlul soube capitalizar esse descontentamento generalizado a seu favor e impor medidas sancionatórias a Howard Carter e às suas pretensões.⁴⁵ Os jornais portugueses foram particularmente felizes na forma como conseguiram reportar estas desavenças, com Carter e/ou o governo egípcio a autorizarem ou a negarem o acesso dos jornalistas ao túmulo, com a correspondente indignação de ambos os lados, de acordo com as medidas e contra-medidas que eram anunciadas.⁴⁶

É este retrato de verdadeira luta política, cultural, simbólica, doutrinária e ideológica, desenvolvido à volta de “um antigo soberano do Egípto”, que a notícia de *A Capital* dissemina entre os leitores portugueses, resumindo de forma lapidar os motivos dos conflitos entre o novo governo e os velhos hábitos, como pode ser lido no terceiro e quarto parágrafos do texto.

42 Hankey 2001, 260-1; James 2000, 480-5. A primeira notícia sobre a descoberta foi publicada no *The Times* a 30 de Novembro de 1922, sob o título “An Egyptian Treasure”. Além das notícias, propriamente ditas, e das entrevistas, vendidas ao *The Times*, Carter e Lord Carnarvon licenciaram também as fotografias do túmulo, feitas por Harry Burton e pelo próprio Carnarvon, ao *The Times* e ao semanário *The Illustrated London News* como forma de financiarem os trabalhos arqueológicos, o que, obviamente, também não agradou à imprensa britânica rival, à americana e à egípcia (Riggs 2016, 340, 345; 2017, 9; 2019, 304; 2020a, 19-20; 2020b, 57-58; Stevenson 2019, 153; Claudel 2019, 2, 7).

43 Colla 2007, 204.

44 É conhecida a extraordinária vitalidade no Egípto da primeira metade do século XX da imprensa em línguas não-árabes, maioritariamente em francês, mas igualmente em inglês, italiano e grego (Claudel 2019, 5-9).

45 Reeves 1990, 64-65; Reid 2015a, 68-74. Ver também, Reid 2015b e Kusch 2017.

46 Reid 2015a, 68.

Há como que uma reivindicação da “liberdade de informar” subjacente a esta explicação e, por conseguinte, às sucessivas ordens e contraordens de encerramento e de reabertura do túmulo de Tutankhamon, de suspensão e retoma das investigações e de cancelamento da licença/concessão de exploração, mas, ao mesmo tempo, admite-se que Howard Carter iria dar luta (sexto parágrafo). Talvez por isso ou apenas para enquadrar o subtítulo “Uma carta de Zaghul Pachá” na notícia, o texto termina com uma demonstração de força e de autoridade do governo de Zaghul-pachá. Que um arqueólogo e um aristocrata inglês se apresentassem como os únicos capazes de representar o Egipto antigo para o mundo contemporâneo não era mais admissível.

Com este manancial de pormenores, os leitores portugueses podiam, assim, aquilatar dos motivos subjacentes ao encerramento do túmulo de Tutankhamon e à proibição das investigações e dessa forma compreender, validar e aceitar o rumo dos acontecimentos.

A intimação do governo egípcio proibindo-o de continuar as suas escavações dava a Carter apenas um prazo de 48 horas e, malgrado os protestos do arqueólogo junto das autoridades locais, a suspensão veio efetivamente a concretizar-se.⁴⁷

A 21 de Fevereiro de 1924, a licença de escavação dada a Lord Carnarvon é finalmente cancelada.⁴⁸ Em enfáticas notícias, *O Rebate* (22.02.1924) informa os leitores, transmitindo o alcance profundo dessa extraordinária medida do governo de Zaghul-pachá:

Uma deliberação do governo egípcio fez com que se cancelasse a licença para as investigações de Lord Carter sobre o túmulo de Tutankhamon —quando o lord tinha quasi á mão a faraónica mumia. Chama-se a isto chegar ao Vale dos Reis tout prestre e não ter o Tut-Auk porque o cancelamento da licença equivale a uma cancela eterna que jámais transporá.

Mas pode dizer-se que se tratava de uma notícia “desatualizada”, na medida em que, no mesmo dia, *A Capital* (22.02.1924), certamente em resultado de alguma súbita negociação e entendimento com Howard Carter, noticiava:

47 *O Mundo* (20.02.1924, p.3); *República (Série I)* (20.02.1924, p.1); *A Imprensa Nova (Série I)* (20.02.1924, p.2); *Novidades* (20.02.1924, p.4); *O Século* (20.02.1924, p.1).

48 *Diário de Lisboa* (21.02.1924, p.7); *O Rebate* (22.02.1924, p.2); *República (Série I)* (22.02.1924, p.2); *O Primeiro de Janeiro* (23.02.1924, p.3); *O Comércio do Porto-Ed. Tarde* (22.02.1924, p.3); *O Comércio do Porto* (23.02.1924, p.4).

O tumulto de Toutankhamon. O gabinete egípcio entende que Carter deve continuar os trabalhos sob a sua direcção.

Dizem do Cairo para Londres: O governo, a seguir a uma consulta aos peritos legais, decidiu que Carter fosse autorizado a continuar os seus trabalhos no tumulto de Toutankhamon, com a condição de que seriam efectuados directamente sob fiscalização de representantes do governo. Todas as despesas ficarão de futuro a cargo do orçamento egípcio. Da publicação de notícias respeitantes às descobertas feitas no Vale dos Reis, ficará encarregada uma comissão de imprensa, que distribuirá todas as informações ao egípcios e estrangeiros. No caso de Carter recusar naquelas condições, o tumulto será reaberto na mesma, sem ele. Não haverá nisso obstaculo algum, visto Carter ter rompido o acordo que o ligava o governo egípcio.

A 25 de Fevereiro, *A Vanguarda* conclui sobre o assunto:

Depois do rompimento entre o governo egípcio e o sr. Carter, o egiptologo inglez que tomou a cargo desvendar os misterios do tumulto do faraó Toutankhamon, foi o tumulto fechado, interrompendo-se os trabalhos de investigação.

Agora o governo egípcio, depois de consultar os peritos, resolveu auctorizar o sr. Carter a continuar, caso queira, aqueles trabalhos, com a condição de se efectuarem sob a fiscalização dos representantes do governo.

Quanto á publicação das policias acerca das descobertas que se fizeram, o governo egípcio creou uma repartição da imprensa encarregada de informar os jornaes egípcios e estrangeiros. Se o sr. Carter não aceitar essas condições, o governo egípcio fará abrir o tumulto por sua propria conta.

Entretanto Toutankhamon espera que o tragam para a luz do dia...

Na última semana de Fevereiro de 1924, portanto, a escavação do Vale dos Reis confrontava-se com um novo ciclo legal: Carter continuaria a conduzir os trabalhos, desde que os mesmos decorressem sob a atenta fiscalização de representantes do governo egípcio. Suplementarmente, o gabinete cairota assumia integralmente o financiamento das escavações e a responsabilidade de, através de uma “comissão de imprensa”/“repartição da imprensa”, distribuir informações às imprensas egípcia e internacional.

Tratava-se de um verdadeiro ultimato a Carter, na medida em que a sua aceitação, para o que o arqueólogo dispunha de 48 horas, significaria o imediato retomar das investigações sob sua supervisão. O protagonismo jornalístico é dado a Howard Carter, mas o desentendimento é mais do que pessoal: é o confronto entre duas concepções de poder; é o confronto entre “imperialismo” e “nacionalismo”.

A possibilidade de recusa do acordo por parte do arqueólogo existia, tanto mais que era bem conhecido o seu temperamento (“mauvaise caractère”, “abrasiva personalidade”, pedantismo e teimosia),⁴⁹ mas de nada valeria a Carter, pois o governo nacionalista de Zaghlul estava decidido a reabrir o túmulo, mesmo prescindido da colaboração do inglês. Entretanto, pacientemente, Tutankhamon esperava que o trouxessem para a luz do dia...

Os relatos na imprensa portuguesa continental demonstram que Howard Carter não aceitou as condições impostas do Cairo.⁵⁰ Face à recusa de Carter entregar as chaves do túmulo, o mesmo teve de ser arrombado pelo inspector-geral do Serviço de Antiguidades do Alto Egipto, Reginald Engelbach (1888-1946), que desde 1919-1920 ocupava o cargo.⁵¹ Claramente, o diferendo Carter/Zaghlul não abrandava e parecia mesmo, como se indica na notícia, que se complicava. A oposição entre Carter e Lacau, o Director-Geral – outro conflito paralelo envolvendo Carter –, que os jornais portugueses acompanham, de forma indirecta, escalou e a relação deteriorou-se irremediavelmente.⁵² O túmulo voltaria a ser encerrado, com as visitas interditas, até que, por via negocial ou por sentença judicial, se alcançasse um entendimento final que permitisse o prosseguimento dos estudos.

No “tribunal misto” do Cairo é instaurado um processo contra o arqueólogo movido pelo governo egípcio e outro contra o governo movido por Carter.⁵³ No entretanto, “o governo egípcio tomou posse de todos os tesouros e monumentos funerários do famigerado faraó”,⁵⁴ através do director da arqueologia egípcia

49 Riggs 2020a, 12; Carter et Reeves 1998, XXIX; *Winstone* 2006, 250.

50 *O Mundo* (25.02.1924, p.2).

51 Glenville 1946, 97-99; Dawson et Uphill 1972, 97-98. O próprio Howard Carter já ocupara o mesmo cargo, entre 1899 e 1904, por nomeação de Gaston Maspero, tendo, por exemplo, supervisionado, desde o início, as escavações de Theodore Davis (1838-1915), no Vale dos Reis, antes de se tornar inspector-geral das Antiguidades do Baixo Egipto, cargo que exerceu em 1904 e 1905 (Dawson et Uphill 1972, 54; Reeves 1990, 37, 40; Reeves 2000, 113, 160; Reeves et Wilkinson 2005, 73, 81).

52 Refira-se que nos jornais portugueses o egiptólogo francês é, por vezes, erradamente designado como “Lacan” (exs: *A Época*, *O Mundo*). Sobre o «duelo» Carter/Lacau, veja-se a propósito o documentário «Howard Carter-Pierre Lacau. L'affaire Toutankhamon», escrito por Sylvie Deleule e Richard Lebeau e realizado por Sylvie Deleule, disponível no Youtube em <https://www.youtube.com/watch?v=4pJEaKcmz4w>. Também o romance histórico *O caso de Tutankhamon*, de Christian Jacq, editado em português, em 1995, pela Bertrand Editora, alude a este aberto conflito entre estas duas figuras da arqueologia egípcia do início do século XX.

53 *A Capital* (26.02.1924, p.2); *O Mundo* (27.02.1924, p.4); *O Primeiro de Janeiro* (27.02.1924, p.3); *A Imprensa Nova (Série I)* (27.02.1924, p.3); *O Comércio do Porto-Ed. da Tarde* (27.02.1924, p.3); *O Comércio do Porto* (28.02.1924, p.6). Apesar de mencionarem estes processos judiciais, os jornais portugueses não fornecem mais detalhes sobre eles. No Egipto, os jornais, em língua árabe e não-árabe, conferiram grande destaque a estes processos, de Fevereiro a Abril de 1924, que geraram um extraordinário interesse público (Claudel 2019, 11).

54 *A Tribuna* (27.02.1924, p.1).

Perien⁵⁵ e confiou a continuação das escavações a Pierre Lacau, que, desde 1917, era também Diretor do Institut français d'archéologie orientale - IFAO, no Cairo.⁵⁶

O texto publicado em *A Tribuna*, de 26 de Fevereiro de 1924, p.1, volta a ser particularmente esclarecedor para o leitor português, sintetizando, no essencial, todas as vertentes conhecidas que poderiam explicar as razões do encerramento do túmulo de Tutankhamon:

O Túmulo de Tutankamon

As razões porque fechou – não foi o governo do Egipto que o mandou encerrar.

A proposito do encerramento do túmulo de Tutankamon, no Egipto, que se disse têr sido feito por ordem do govêrno do Cairo, um jornalista esclarece o caso:

O que actualmente sucede á volta do túmulo de Tutankamon é mero resultado da popularidade que já vai alcançar a memória do célebre faraó.

O mundo inteiro disputa o prazer de saber do túmulo. E esta é a causa da querela entre Mr. Carter, antigo sócio e sucessor de Lord Carnarvon e o governo egípcio.

Havia-se chegado a um acordo entre Mr. Carter e o govêrno do Egipto a respeito das visitas ao túmulo.

No dia 13 deste mês iam visitar o túmulo alguns jornalistas estrangeiros que tinham solicitado do govêrno egipcio a necessária autorização.

Porém a Mr. Carter ocorreu-lhe pedir também autorização de visita para uns amigos seus.

O govêrno egipcio não lhe concedeu a autorização em vista de nesse mesmo dia irem lá os jornalistas estrangeiros.

Mr. Carter fechou então o túmulo por sua própria iniciativa.

Agora o govêrno do Egipto exigiu-lhe a abertura bem como que prosseguisse nos trabalhos sob pena de serem continuados por conta dos egipcios.

Mr. Carter respondeu com a ameaça de levar o assunto para os tribunais, reclamando em tal caso, segundo o costume inglês, uma soma neste caso avultada, como indemnização por danos e prejuizos.

O Govêrno egipcio respondeu que fizesse o que entendesse porque nada lhe importaria.

A êste propósito o azziz Izzat Pachá Ministro do Egipto em Londres disse:

‘A conduta de M. Carter e a sua decisão de não continuar a investigação scientifica mostram a classe do homem e de [...] a que pertence.’

O que envenena a questão é o monopolio de publicidade que foi concedido a Lord Carnarvon.

... Entra no túmulo um jornalista de valor acompanhado de um bom fotógrafo?

Pois os herdeiros de Lord Carnarvon vêem assim ludibriados os beneficios que esperam do seu monopolio de notícias.

55 *A Capital* (26.02.1924, p.2); *O Mundo* (27.02.1924, p.4); *O Primeiro de Janeiro* (27.02.1924, p.3); *A Imprensa Nova (Série I)* (27.02.1924, p.3); *O Comércio do Porto-Ed. da Tarde* (27.02.1924, p.3); *O Comércio do Porto* (28.02.1924, p.6). Não conseguimos identificar quem é este diretor “Perien”.

56 *O Mundo* (26.02.1924, p.3); *A Época* (26.02.1924, p. 4).

Por outro lado, é difícil impedir o acesso dos jornalistas ao túmulo. Tem dinheiro para ir e dispõem de influência junto do governo do Cairo. O estado egípcio não pode desafiar a grande imprensa do mundo para beneficiar Mr. Carter.

O governo egípcio resolveu-se a conceder autorizações aos que queiram visitar o túmulo. Mr. Carter recusa. E é natural que se negue. O seu benefício consiste em não permitir a ninguém satisfazer a curiosidade que os seus trabalhos e os de Lord Carnarvon tem logrado despertar.

Como é ele que tem feito a sementeira Mr. Carter julga-se no direito exclusivo da colheita. Porém o governo egípcio não está de acordo.

Mr. Carter fechou a porta. O governo do Egito propôs-se abri-la. Sua é a memória do Faraó. Seu é Tutankamon ou gravuras de que se tirem fotografias do túmulo.

Indubitavelmente, o mais forte é o governo egípcio, pelo menos desde que as tropas inglesas se retiraram do País dos Faraós.

No entanto se os governantes do Cairo se encarregam do túmulo e de revelar os seus mistérios como poderão conter a curiosidade universal? Todos os jornalistas do mundo querem ir a Luxor.

Se um governo se nega a dar-lhes a todos facilidade, porão o pézo da sua influencia em favor da opposição para assegurarem a entrada quando surja outro ministério.

É possível que cheguem até a provocar uma intervenção estrangeira com o único objecto de conseguir acesso ao túmulo.

Talvez sejam o Tutankamon e os Tutankamons os que custem de novo a indigencia ao Egito. Estranha situação! . . .

Neste relato, o governo egípcio é ilibado da responsabilidade no encerramento do túmulo, sendo a mesma atribuída à “popularidade” do faraó, o mesmo é dizer, ao mediatismo da descoberta e consequente vontade de sobre ela obter adequada e atualizada informação. Reafirma-se, assim, aquilo que o texto de *O Comércio do Porto – Edição da Tarde* de 16 de Fevereiro afirmara sobre o monopólio da informação e o direito de informar. As notícias publicadas, sobretudo as mais desenvolvidas, assumem uma posição crítica no debate (contrária a Carter e à potência europeia; favorável a Zaghul e ao novo regime egípcio).

A notícia de *A Tribuna* resume os acontecimentos desde 13 de Fevereiro, fornecendo mais dados sobre a acreditação de jornalistas estrangeiros pelo governo egípcio para visitarem o túmulo no Vale dos Reis e o encerramento decretado pelo próprio Carter como represália pela não acreditação de outros seus amigos. Segue-se a resposta do governo egípcio com a exigência de abertura e a determinação de que os trabalhos fossem “continuados por conta dos egípcios”. Entre

ameaças de processos em tribunal e troca de invectivas de parte a parte, a conclusão sobre as “razões por que fechou” o túmulo são comunicadas explicitamente aos interessados leitores.

A inevitável vertente financeira associada aos direitos exclusivos de cobertura jornalística e a recusa de Carter em abrir mão desses benefícios estão, assim, na origem do desacordo entre os litigantes: de um lado, Carter decidido em manter os seus privilégios de autorizar o acesso ao túmulo, alegando, no fundo, que Tutankhamon e a sua publicidade lhe pertencem;⁵⁷ de outro, o governo egípcio, empenhado em demonstrar que a “memória do Faraó” é sua e de que lhe assiste o direito de, em consequência, tutelar as operações no túmulo.⁵⁸

Os tempos de uma arqueologia de *freelancers* pagos por aristocratas, mais tranquila e afastada da imprensa e, em consequência, dos interesses do grande público, era já passado. A descoberta e exploração do túmulo de Tutankhamon beneficiou de uma cobertura mediática mundial, global, invulgar, tanto ao nível de textos produzidos (notícias, reportagens, entrevistas) sobre o evento como de fotografias licenciadas sobre o mesmo.⁵⁹ A “surpresa” inicial cedeu lugar ao “incómodo”, mas a “razão de todos os males” fora a venda dos direitos ao jornal londrino por Carnarvon, com alguma cupidez à mistura. Depois disso, como mostraria a sucessão de episódios desde 12 de Fevereiro de 1924 — e nisso Carter e Mace tinham razão —, os arqueólogos estavam mais indefesos ou, pelo menos, mais fragilizados perante a loucura mediática.⁶⁰ A atracção do público e dos jornalistas pelo túmulo de Tutankhamon, com a quase permanente ocupação dos hotéis de Luxor (com destaque para The Winter Palace Hotel) e as frequentes e concorridas visitas ao local durante as épocas turísticas (pelo menos assim foi nos primeiros quatro anos de escavação), com as sucessivas interrupções dos

57 Riggs 2017, 3.

58 Colla 2007, 177-8.

59 Karakatsouli 2009, 33; Riggs 2021a, 69-70, 92-93; Riggs 2020b.

60 No seu livro dedicado à descoberta e exploração do túmulo, no capítulo intitulado “Visitors and the press”, Carter e Mace escreveriam, logo a abrir o capítulo: “Archaeology under the limelight is a new and a rather experience for most of us. In the past we have gone about our business happily enough, intensely interested in it ourselves, but not expecting other folk to be more than tepidly polite about it, and now all of a sudden we find the work takes an interest in us, and an interest so intense and so avid for details that special correspondents at large salaries have to be sent to interview us, report our every movement, and hide round corners to surprise a secret out of us. It is, as I said, a little bewildering for us, not to say embarrassing, and we wonder sometimes just exactly how and why it was all come about” (Carter et Mace 1923, 141).

trabalhos que provocavam, perturbavam, logicamente, o tranquilo desenrolar das tarefas arqueológicas de escavação, organização e preservação dos objectos que ainda decorriam.⁶¹

Aristocratas, jornalistas e turistas acotovelavam-se literalmente junto do túmulo de Tutankhamon, por vezes num ambiente de alguma teatralidade e curiosidade bacoca, para ter um vislumbre do que os arqueólogos faziam ou para os entrevistar e, assim, apurar um qualquer detalhe sobre os trabalhos em curso.⁶² Políticos egípcios wafdistas não perdiam também a oportunidade de se associarem a Tutankhamon e de visitarem os trabalhos no seu túmulo, como manifestam muitas fotografias chegadas até nós, algumas também da autoria de Harry Burton.⁶³ A Egíptomania, a Tutmania e a Mumiamania, o prodigioso e empolgante fascínio pelas antiguidades egípcias, com os seus excessos, as suas obsessões e os seus efeitos, tinham vindo para ficar através de uma proveitosa fonte de rendimentos que os turistas representavam e eram, agora, uma intensa vertente mundana associada à actividade regular dos arqueólogos que, porém, como Carter e Mace reconhecem, não estavam preparados ou receptivos para essa inusitada intromissão na sua vida profissional e até pessoal.⁶⁴ Na perspectiva de Carter, ao *annus mirabilis* de 1922 sucederia um *annus horribilis* em 1924.

O interesse do governo egípcio na escavação e a sua manifesta instrumentalização ao serviço da sua luta pela independência, no fundo, a construção de uma narrativa nacionalista em torno da grande descoberta arqueológica, numa clara demonstração que arqueologia é também uma empresa política ou, se quisermos, neste caso, de que há, nos anos 20 do século XX, estreitas conexões entre a arqueologia e o nacionalismo egípcio, ampliou ainda mais o desconforto e as clivagens dos arqueólogos ocidentais com essa nova conduta das autoridades locais.⁶⁵ A escavação arqueológica é vista como expressão da dominação cultural, científica e civilizacional europeia, sendo, em consequência, contestada e apropriada pelos Egípcios no âmbito de uma concepção de herança faraónica e de

61 Reid 2015b, 159, 161; Riggs 2021a, 292-3; Colla 2007, 191-2.

62 Reid 2015b, 161; Colla 2007, 190-1.

63 Colla 2007, 194, 206-7.

64 Sales et Mota 2019; Melman 2020; Riggs 2021a, 74, 93-94.

65 Reid 2015b, 159.

afirmação das gloriosas raízes da sua identidade nacional no longínquo passado faraónico. As autorizações/proibições das visitas ao túmulo, bem relatadas na imprensa portuguesa, e as consequentes expressões de autoridade e de decisão sobre a concessão e a condução dos trabalhos arqueológicos, aquilo a que se poderia chamar a “nacionalização do túmulo de Tutankhamon” ou os sinais práticos do faraonismo, estão na base de muitas das desavenças entre Carter e o governo egípcio.⁶⁶

No início do mês de Março de 1924, os jornais portugueses mencionam que fora retirada “a acção movida pelo sr. Howard Carter contra o governo Egípcio por este lhe ter imposto o abandono imediato das escavações no vale de Luxor e em seu lugar será intentada na proxima semana uma acção em nome de Lady Carnarvon e do general Sir John Maxwell”.⁶⁷ Ao que parece, a situação evoluía de forma bastante favorável para Saad Zaghlul. Pelo menos, é essa visão que *A Vanguarda* proclama, a 7 de Março de 1924:

CAIRO, 7. – A abertura do tumulo de Tut-Ank-Amon deu lugar a grandes manifestações politicas. Nos comboios especiaes que se sucederam do Cairo para Luxor foram erguidos vivas a Zighlul Pachá, tendo-se tambem ouvido muitos gritos de ‘O Sudão deve ser dos egipcios’. Em Luxor houve tambem muitas festas e muito entusiasmo. – (R.)⁶⁸

Oito dias depois, a 14 de Março de 1924, *O Comércio do Porto* informa que “falharam as negociações para uma solução amigável da questão das escavações do valle de Luxor. O governo egípcio retirou a oferta de nova concessão á Condessa Carnarvon.” O matutino do Porto era liminar na nota que transcrevia e para quem seguia o assunto ficava claro que a querela Carter/governo egípcio não estava encerrada.

66 Reid 2015b, 161-3.

67 *A Imprensa Nova (Série I)* (02.03.1924, p.3); *Comércio do Porto-Ed. Tarde* (03.03.1924, p.3); *Comércio do Porto* (04.03.1924, p.4).

68 De notar este aparentemente paradoxal e ambivalente aspecto do Egipto nacionalista, colonizado pelos Britânicos, reivindicar a colonização do Sudão sob sua égide, como parte integrante de Vale do Nilo unificado (“Colonized Colonizer”), mas que fazia parte da propaganda egípcia e era uma componente incontornável do movimento nacionalista egípcio. Em contraste, os Britânicos apostavam em separar o mais possível os dois países africanos. Sobre a colonização egípcia do Sudão e suas características vide: Sharkey 2003; Powell 2003; Gifford 2020, 4-5, 23, 79-115.

Surpreendentemente, a temática desaparece das páginas dos jornais em Portugal e só voltará a reaparecer cerca de 10 meses depois, a 26 de Janeiro de 1925, em *O Século*:

No Tumulo de Tut-ankh-amen

Prosseguem as pesquisas arqueológicas. Cairo, 25 – Recomeçaram hoje os trabalhos arqueológicos no túmulo de Tut-ankh-amen, sob a direcção do sr. Howard Carter, em conformidade com o acordo concluído com a Condessa de Carnarvon pelo governo egípcio. (Lusitania).

Entretanto, entre Março de 1924 e Janeiro de 1925, o que acontecera de significativo prendia-se com o governo egípcio: Saad Zaghul resignara (a 15 de Dezembro de 1924) e fora substituído por Ahmed Ziwar Pachá (1864-1945). O novo primeiro-ministro (de 24 de Novembro de 1924 a 7 de Junho de 1926), que se submeteria incondicionalmente aos ditames britânicos, chegou a um entendimento com Howard Carter e com a viúva de Carnarvon que renunciaram ao monopólio noticioso do *The Times*. A concessão é-lhe renovada (13 de Janeiro de 1925) e, assim, retomados os trabalhos arqueológicos sob a direcção do mesmo homem que, ao serviço dele, descobrira o túmulo de Tutankhamon: Howard Carter.⁶⁹ Seria ele a trazer, finalmente, para a luz do dia, o então já bem conhecido e popular faraó egípcio, a expensas egípcias, sem poder, todavia, reclamar parte nos seus tesouros nem conceder ao *The Times* qualquer privilégio na distribuição das notícias sobre os trabalhos.

Conclusão

As notícias publicadas nos jornais portugueses permitem-nos reconstruir a narrativa portuguesa em torno dos “Problemas entre Carter e o governo egípcio”, embora seja impossível consegui-lo, de uma forma integral, a partir dos relatos presentes numa só das publicações. Só o compulsar dos vários jornais, ao longo do período de publicação em causa, nos possibilita uma visão alargada e, em certo sentido, completa. Neste sentido, a nossa posição como investigadores beneficia

69 Reeves 1990, 66; Reid 2015b, 165; James 2000, 379-84.

da visão holística sobre todas as notícias em todos os jornais, o que dificilmente poderá ter sido alcançado por um leitor individual português de 1924 e 1925.

No entanto, o leitor coetâneo, além das notícias sobre este tema, pôde também ler outras notícias sobre o que se passava no Egito com a descoberta do túmulo de Tutankhamon. Dessa forma, notícia a notícia, leitura a leitura, semana após semana, qual folhetim jornalístico, os leitores portugueses interessados nos ecos dessa descoberta puderam ir compondo a (sua) visão sobre os principais eventos, sua trama e seus protagonistas.

Devido ao tipo de fontes com que lidamos, nem sempre a organização sequencial das notícias publicadas é uma tarefa fácil, seja pela data efectiva da publicação (que pode variar um ou dois dias, dependendo dos jornais), seja pela data de referência do acesso aos comunicados das agências noticiosas (que nem sempre é uniforme nos vários jornais), seja mesmo por lapsos dos próprios jornais na datação dessas notícias de agência.

Em Portugal, tal como no resto do mundo, a imprensa foi um factor extremamente ativo na divulgação desta descoberta arqueológica e da respetiva escavação e dos vários eventos associados, de desagravo, de pressão e de tensão desenvolvidos em seu redor. Não é exagero, por isso, afirmar-se que o jornalismo foi o “palco” preferencial para todas as manobras em torno da descoberta e escavação do túmulo de Tutankhamon. A “questão jornalística” (a exclusividade concedida ao *The Times*) catalisou a hostilidade política e social vivida no Egito entre as potências em confronto e o conflito pessoalizado entre Carter e Zaghlul e foi nos jornais que se jogou o “conflito” entre um advogado egípcio e um jornalista inglês. A crise despoletada em torno deste túmulo do Vale dos Reis, mobilizando o espírito nacionalista-patriótico, o interesse arqueológico e a defesa do património, bem como direitos jornalísticos conferidos a um periódico inglês, passaram de forma substancial pelos jornais.

Em 1924, em torno da disputa sobre os direitos arqueológicos sobre o túmulo de Tutankhamon, Carter representava a tradicional vertente imperialista britânica, de assumida dominação e apropriação colonial, e Zaghlul a emergente

feição nacionalista e anti-colonial egípcia.⁷⁰ Como os jornais portugueses enfatizaram, na senda do que a imprensa internacional fizera no próprio Egito e noutras paragens, o governo do Egito encontrara em Tutankhamon o símbolo e o ícone perfeito para o orgulho egípcio, de milenares e prestigiosas raízes, motivo de protestos e reivindicações patrióticos e da pretendida proclamação de autonomia e independência.⁷¹ Arqueologia, política, diplomacia e imprensa andaram de “mãos dadas”.⁷² Devido à imprensa, a emoção e o entusiasmo pela arqueologia egípcia tornara-se um assunto de domínio público, de cobertura nacional e internacional, e as coisas nunca mais seriam como dantes.⁷³

Exumar um faraó no Vale dos Reis tornou-se não só uma actividade de recuperação de relíquias com interesse arqueológico-museológico, reservado a eruditos e especialistas, mas uma matéria política colectiva, propícia aos ideais nacionalistas e identitário-culturais egípcios, como terão compreendido, em 1924 e 1925, os que liam ou ouviam ler os jornais portugueses.

70 Jeffreys 2003, 11; Haikal 2009, 127.

71 Reid 2015a, 50-52; 2015b, 170; Claudel 2019; Langer 2017, 193; Colla 2007, 206.

72 Riggs 2017, 3, 10.

73 Reeves et Wilkinson 2005, 82.

BIBLIOGRAFIA

- Allen, Susan J. 2006. *Tutankhamun's Tomb: The Thrill of Discovery*. New York/New Haven/London: Metropolitan Museum of Art and Yale University Press.
- Bednarski, Andrew. 2010. "The Reception of Egypt in Europe." In *A Companion to Ancient Egypt – Vol. 1*, ed. Alan B. Lloyd (Ed.), 1086-1108. Chichester: Blackwell Publishing Ltd.
- Bosch-Pusche, Francisco, Elizabeth Flemming, Cat Warsi, et Anne-Claire Salmas. 2020. "Carter's Papers and the Archaeological Record of Tutankhamun's Tomb at the Griffith Institute, University of Oxford." In *Tutankhamun. Discovering the Forgotten Pharaoh – Catalogue*, eds. Simon Connor et Dimitri Laboury. 62-67. Liège: Presses Universitaires de Liège.
- Brier, Bob. 2022. *Tutankhamon e o título que mudou o mundo*. Lisboa: Edições Desassossego.
- Carter, Howard, et Arthur C. Mace. 1923. *The Tomb of Tut-Ankh-Amen Discovered by the Late Earl of Carnarvon and Howard Carter. Volume I. London/New York/Toronto/Melbourne: Cassel and Company, Ltd.*
- Carter, Howard et Nicholas Reeves. 1998. *Tut-ankh-amen: The Politics of Discovery*. London: Libri.
- Claudel, Paul-André. 2019. "Howard Carter en procès: la presse des communautés en Égypte face à la découverte du tombeau de Toutankhamon". Comunicação proferida no Colóquio *Transfopress Protester en langue étrangère*, organizado na 'Université Roma III (15 a 17 de Maio de 2019) – comunicação não publicada, disponível em Academia.Edu.
- Colla Elliott, 2007. *Egyptology, Egyptomania, Egyptian Modernity*. Durham/London: Duke University Press.
- Dawson, Warren R., et Eric P. Uphill. 1972. *Who was Who in Egyptology*. Londres: The Egypt Exploration Society.
- Desroches-Noblecourt, Christiane. 1971. *Life and Death of a Pharaoh. Tutankhamen*. London: Penguin Books.
- Elshakry, Marwa. 2015. "Histories of Egyptology in Egypt. Some Thoughts" In *Histories of Egyptology. Interdisciplinary Measures*, ed. William Carruthers, 185-97. New York/London: Routledge.
- Gifford, Jayne. 2020. *Britain in Egypt. Egyptian Nationalism and Imperial Strategy, 1919-1931*. London/New York/Oxford/New Delhi/Sydney: I.B. Taurus.
- Gershoni, Israel, et James P. Janikowski. 1986. *Egypt, Islam, and the Arabs. The Search for Egyptian Nationhood, 1900-1930*. Oxford: Oxford University Press.
- Glanville, Stephen Ranulph Kingdon. 1946. "Reginald Engelbach." *JEA* 32: 97-99.
- Haikal, Fayza. 2009. "Egypt's Past Regenerated by its Own People." In *Consuming Ancient Egypt*, ed. Sally MacDonald et Michael Rice, 123-38. Walnut Creek/California: Left Coast Press, Inc.
- Hankey, Julie. 2001. *A Passion for Egypt: Arthur Weigall, Tutankhamun and the 'Curse of the Pharaohs'*. London: Tauris Parke Paperbacks.
- Hawass, Zahi. 2006. *The Golden King. The World of Tutankhamun*. Cairo/Nova York: The American University in Cairo Press.
- James, Thomas Garnet Henry. 2000. *Howard Carter. The Path to Tutankhamun*. London/New York: Tauris Parke Paperback.

- Janikowski, James. 1988. "The Egyptian Wafd and Arab Nationalism, 1918-1944." In *Nationalism and International Politics in the Middle East*. Londres: Frank Cass.
- Jakes, Aaron G. 2020. *Egypt's Occupation. Colonial Economism and the Crises of Capitalism*. Stanford: Stanford University Press.
- Jeffreys, David. 2003. "Introduction – Two Hundred Years of Ancient Egypt: Modern History and Ancient Archaeology." In *Views of Ancient Egypt since Napoleon Bonaparte: Imperialism, Colonialism and Modern Appropriations*, ed. David Jeffreys, 1-18. Londres: Institute of Archaeology/University College London.
- Karakatsouli, Anne. 2009. "Louis Bertrand. Toutankhamon et l'éveil du nationalisme arabe." *Revue des Deux Mondes*: 32-36. Consultado a 28 de Maio de 2021, em: <https://www.revuedesdeuxmondes.fr/article-revue/louis-bertrand-toutankhamon-et-l-eveil-du-nationalisme-arabe-2/>
- Kusch, Celena E. 2017. "Modernism, Egyptian Nationalism, and 'other disorders of a revolutionary character': H. D., Bryer, and Tutankhamun." *Tulsa Studies in Women's Literature* 36, Number 1: 99-127.
- Langer, Christian. 2017. "The Informal Colonialismo of Egyptology: From the French Expedition to the Security State." In *Critical Epistemology of Global Politics*, eds. Marc Woons et Sebastian Weier. 182-202. Bristol: E-International Relations Publishing.
- Mak, Lanver. 2012. *The British in Egypt. Community, Crime and Crises 1822–1922*. London/New York: I. B. Tauris & Co Ltd.
- Melman, Billie. 2020. *Empires of Antiquities. Modernity and the Rediscovery of the Ancinet Near East, 1914-1950*. Oxford: Oxford University Press.
- Montet, Pierre, 1947-1960. *La nécropole royale de Tanis. Fouilles de Tanis dirigées par Pierre Montet*, 3 vols. Paris.
- Parkinson, Brian R. 2008. "Tutankhamen on Trial: Egyptian Nationalism and the Court Case for the Pharaoh's Artifacts." *The Journal of the American Research Center in Egypt*, Vol. 44: 1-8.
- Pons Mellado, Esther. 1999. "El descubrimiento de la tumba de Tutankhamon: Las visitas de H. Carter a Espana." *Isimu. Revista sobre Oriente Próximo y Egipto en la antigüedad*, 2: 425-47.
- Powell, Eve M. Troutt. 2003. *A Different Shade of Colonialism: Egypt, Great Britain, and the Mastery of the Sudan*. Berkeley: University of California Press.
- Reid, Donald Malcolm. 1997. "Nationalizing the Pharaonic Past: Egyptology, Imperialism, and Egyptian Nationalism, 1922–1952," In *Rethinking Nationalism in the Arab Middle East*, eds. Israel Gershoni et James Jankowski, 127–49. New York: Columbia University Press.
- . 2003. *Whose Pharaohs? Archaeology, Museums, and Egyptian National Identity from Napoleon to World War I*. Berkeley: The University of California Press.
- . 2015a. *Contesting Antiquity in Egypt. Archaeological, Museums & the Struggle for Identities from World War I to Nasser*, Cairo/New York: The American University in Cairo.
- . 2015b. "Remembering and Forgetting Tutankhamun: Imperial and National Rhythms of Archaeology, 1922-1972" In *Histories of Egyptology. Interdisciplinary Measures*, ed. William Carruthers, 157-73. New York/London: Routledge.
- Reeves, Nicholas. 1990. *The complete Tutankhamun. The King, The Tomb, The Royal Treasure*. Cairo: The American University in Cairo Press.
- . 2000. *Ancient Egypt. The Great Discoveries. A Year-by-Year Chronicle*. Londres: Thames and Hudson.

- Reeves, Nicholas, et Richard H. Wilkinson. 2005. *The Complete Valley of the Kings. Tombs and Treasures of Egypt's Greatest Pharaohs*. Cairo: The American University in Cairo Press.
- Riggs, Christina. 2016. "Shouldering the past: Photography, archaeology, and collective effort at the tomb of Tutankhamun." *History of Science*, vol. 55, 3: 336-63.
- . 2017. *Tutankhamun: The Original Photographs*. London: Rupert Wace Ancient Art/Burlington Press.
- . 2019. "Photographing Tutankhamun: Photo-Objects and the Archival Afterlives of Colonial Archaeology" In *Photo-Objects. On the Materiality of Photographs and Photo Archives in the Humanities and Sciences*, eds. Julia Bärnighausen, Costanza Caraffa, Stefanie Klamm, Franka Schneider, et Petra Wodtke, 292-308. Berlin: Edition Open Access-Max Planck Institute for the History of Science.
- . 2020a. *Photographing Tutankhamun. Archaeology, Ancient Egypt, and the Archive*. Londres: Routledge.
- . 2020b. "Photography and the Media at the Tomb of Tutankhamun." In *Tutankhamun. Discovering the Forgotten Pharaoh – Catalogue*, eds. Simon Connor et Dimitri Laboury. 52-61. Liège: Presses Universitaires de Liège.
- . 2021a. *Treasured. How Tutankhamun shaped a century*. London: Atlantic Books.
- . 2021b. "Reborn-Digital Tutankhamun: Howard Carter and an Egyptian Archaeologist, Name Unknown." *Photography & Culture*, Volume 0 - Issue 0: 1-5.
- Sales, José das Candeias. 2007. *Estudos de Egiptologia. Temáticas e Problemáticas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Sales, José das Candeias et Susana Mota. 2018. "A Agência Rádio e a Lusitânia: Contributos para o estudo das agências noticiosas em Portugal", In *Comunicación y Espectáculo. Actas del XV Congreso de la Asociación de Historiadores de la Comunicación*, coords. Helena Lima, Ana Isabel Reis, et Pedro Costa, 978-91. Porto: Universidade do Porto.
- . 2019. "Tutankhamon em Portugal. Relatos na imprensa portuguesa (1922-1939). Um contributo para os estudos de recepção do Antigo Egípto." *Heródoto*, v. 4, n. 2: 27-58.
- . 2020. "Tutankhamun in Portugal. Reports in the Portuguese Press (1922–1939)". *Aegyptiaca - Journal of the History of Reception of Ancient Egypt*, nº5: 565–609.
- . 2021. "As agências de notícias portuguesas/em Portugal: Um contributo para a sua história." In *Para uma história do jornalismo em Portugal — II*, coords. Carla Baptista, Jorge Pedro Sousa et Celiana Azevedo 237-57. Lisboa: ICNOVA.
- Sardica, José Miguel. 2014. "Imprensa. Títulos." In *Dicionário de História da I República e do Republicanismo. Vol. II*, coord. Maria Fernanda Rollo, 344-57. Lisboa: Assembleia da República.
- Sharkey, Heather J. 2003. *Living with Colonialism: Nationalism and Culture in the Anglo-Egyptian Sudan*. Berkeley: University of California Press.
- Stevenson, Alice. 2019. *Scattered Finds: Archaeology, Egyptology and Museums*. London: University College London.
- Thompson, Jason. 2018. *Wonderful Things. A History of Egyptology 3: from 1914 to the twenty-first century*. Cairo: The American University Press.
- Tyldesley, Joyce. 2022. *Tutankhamon. Faraó, Ícone, Enigma*. Lisboa: Edições 70.
- Vigneault, Sandra. 2003. *La médiatisation de la découverte de la tombe de Toutankhamon*. (Tese de doutoramento). Université de Sherbrooke, Québec. <https://savoirs.usherbrooke.ca/handle/11143/2353>
- Whidden, James. 2013. *Monarchy and Modernity in Egypt: Politics, Islam and Neo-colonialism between the Wars*. Londres: Tauris.

- Wilkinson, Toby. 2010. *The Rise and Fall of Ancient Egypt. The History of a Civilization from 3000BC to Cleopatra*. London/Berlin/New York: Bloomsbury.
- Winstone, Harry Victor Frederick. 2006. *Howard Carter and the Discovery of the Tomb of Tutankhamun*. Manchester: Barzan Publishing.
- Wood, Michel. 1988. "The Use of the Pharaonic Past in Modern Egyptian Nationalism." *Journal of the American Research Center in Egypt*, vol. 35: 179-96.



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues

OBJECTIVOS E ÂMBITO AIMS AND SCOPE

A *Cadmo – Revista de História Antiga* publica anualmente estudos originais e ensaios relevantes de “estado da arte” em História Antiga e de culturas da Antiguidade. Além disso, tem como objectivo promover debates e discussões sobre uma ampla variedade de temas relacionados com a História Antiga, e aceita propostas relacionadas com o mundo do Próximo-Oriente Antigo (Egipto, Mesopotâmia, Pérsia, corredor Siro-Palestinense, Mundo Bíblico e e Anatólia) e com o Mundo Clássico (Grécia, Roma e Mediterrâneo Antigo, incluindo a Antiguidade Tardia). São ainda considerados estudos sobre a recepção da Antiguidade e dos seus legados, historiografia e investigações com enfoque em outras sociedades antigas (como as culturas indianas, extremo-asiáticas e mesoamericanas). A *Cadmo – Revista de História Antiga* não considera o conceito de “Antiguidade” como exclusivo da civilização ocidental, mas uma construção historiográfica essencial para a compreensão da História Global. Recensões críticas de obras recentes serão também consideradas para publicação, bem como propostas de dossiers temáticos a publicar em números regulares da revista ou números temáticos a publicar em suplemento.

Cadmo – Journal for Ancient History yearly publishes original and peer-reviewed studies and findings, as well as relevant “state of the art” review essays, on Ancient History and the study of Ancient cultures. It aims to promote debate and discussion on a wide variety of subjects and welcomes contributions related to the Ancient Near-Eastern World (Egypt, Mesopotamia, Persia, Syro-Palestine area and Anatolia) and to the Classical World (Greece, Rome and the Ancient Mediterranean, including Late Antiquity). Studies on the reception of Antiquity and its cultural productions, historiography of the Ancient World, as well as submissions focusing on other Ancient societies (such as the Indian, Asian or Mesoamerican cultures) are also accepted. This journal does not consider the concept of Antiquity to be a notion restricted to western civilisation and its heritage, but an essential historiographic construct for our understanding of Global History. Reviews of recently published works on the aforementioned subjects are also welcome, as well as proposals for thematic dossiers to be published in regular issues or of thematic issues to be published as a supplement.

CH
-UL

CENTRO DE
HISTÓRIA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA